# Não estamos no comando - 02/03/2018

Daniel Wegner articula a tese de que a vontade consciente é um truque da  
mente[i]. Segundo ele, a mente é conhecida por pregar peças. Isso quer dizer  
que as nossas ações podem não ser \_causadas\_ por nossa vontade e, que desse  
jeito, a mente exerceria uma autoridade aparente. Apesar do espanto, já que  
quase todos nós cremos que a mente é uma força ativa, um “motor de vontade”, a  
vontade consciente, na verdade, não nos revela como nossas ações são causadas  
e, daí o truque: embora a mente não seja responsável por nossas ações ela “faz  
com que acreditemos” que sim, ela está no comando. O esquema abaixo ilustra a  
experiência da vontade consciente onde o caminho real mostrado pela seta  
amarela é inconsciente, ao passo que acreditamos haver um pensamento que leva  
a ação (seta roxa), quando eles seriam causados por eventos inconscientes  
(setas verdes).   
  
[![](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiY775w-tL2jjU05Af5NDp1t5nZVf6jsrqMkp476U5nhjuv0qHaewvTq8sMYinUUTzisSvDEhDJKJQ8MfMytq0fAfH0zzL01syRTg7XVaOWc43k1iZCsWQy5hW6GWij0Gfs5qe77od2O44/s1600/minds+trick.png)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiY775w-tL2jjU05Af5NDp1t5nZVf6jsrqMkp476U5nhjuv0qHaewvTq8sMYinUUTzisSvDEhDJKJQ8MfMytq0fAfH0zzL01syRTg7XVaOWc43k1iZCsWQy5hW6GWij0Gfs5qe77od2O44/s1600/minds+trick.png)  
  
Essa experiência consciente é formulada por Wegner como a Teoria da Causação  
Mental Aparente, que se vale dos princípios de: 1) prioridade \- quando um  
pensamento ocorre na consciência logo antes de uma ação, 2) consistência \-  
quando esse pensamento é consistente com a ação e 3) exclusividade - não há  
uma causa alternativa acompanhando a ação. Não entraremos nos detalhes desses  
princípios e de por que eles causariam uma vontade ilusória, mas, para Wegner,  
é a partir deles que nos imputamos a autoridade sobre nossas ações e  
experimentamos uma suposta vontade consciente.  
  
O que nos interessa no artigo de Wegner, além da proposta de colocar em dúvida  
essa relação que seria indiscutível para quase todos nós, são dois tópicos que  
veremos a seguir. Porém, mostraremos antes, de posse da ilusão da vontade  
consciente causadora da ação, alguns estudos que, segundo Wegner, explicariam  
casos estranhos em que há um desencontro entre vontade consciente e ação.  
Focaremos nos estudos neurocientíficos, como os de Penfield, através dos quais  
pacientes conscientes sofriam estímulos elétricos no córtex cerebral que  
provocavam movimentos que eles diziam não terem feito, reduzindo a importância  
da vontade consciente como causa da ação[ii]. Além desse, destacamos os  
experimentos de Benjamin Libet que fornecem mais provas de que a vontade  
consciente pode ser uma experiência que não corresponde à causação. No  
movimento espontâneo e intencional dos dedos, Libet descobriu que um potencial  
de prontidão cerebral (PPC), gravado no couro cabeludo, precedeu o movimento  
em um mínimo de 550ms. Isso \_apenas\_ indica que algum tipo de atividade  
cerebral precede, de forma confiável, o início da ação voluntária. No entanto,  
ao recordar a posição de um relógio em sua consciência inicial de querer  
movimentar o dedo, os participantes verificaram que ela se seguiu ao PPC por  
350-400ms. Então, embora a intenção consciente precedesse o movimento dos  
dedos, ela ocorreu bem depois de qualquer evento cerebral que o PPC indicou.   
   
  
[![](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgIZhSQj3C9wknLUANJ5MM7xsNF8t9o8BfDMzg8-1NRK6LqqLxnv9UnG1KdTMij5B7CHbkrbVEUFVsto6GVcb16SNcsmX0kE0dYRUInpa\_eLt9RkLOn1dpsZfMbmrj6LnzoKQIrAhfckxY/s1600/Libet.png)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgIZhSQj3C9wknLUANJ5MM7xsNF8t9o8BfDMzg8-1NRK6LqqLxnv9UnG1KdTMij5B7CHbkrbVEUFVsto6GVcb16SNcsmX0kE0dYRUInpa\_eLt9RkLOn1dpsZfMbmrj6LnzoKQIrAhfckxY/s1600/Libet.png)  
  
   
  
O primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar é que Wegner usa os termos mente  
e cérebro indiscriminadamente: “you think of doing X and then do X – not  
because conscious thinking causes doing, but because \*\*other mental  
processes\*\* (that are not consciously perceived) cause both the thinking and  
the doing.” (p. 65, grifo nosso em processos mentais) e “This finding suggests  
that the experience of consciously willing an action begins \*\*after brain  
events\*\* that set the action into motion.” (p. 66, grifo nosso em eventos  
cerebrais). Isso fica ainda mais claro na legenda da figura 1: “and these  
unconscious mental events might also be linked to each other directly or  
through yet \*\*other mental or brain processes\*\*.” (p. 66, grifo nosso). Esse  
ponto é importante para uma teoria epifenomenalista da Filosofia da Mente, o  
que parece não ser a preocupação de Wegner, muito embora a desmistificação da  
vontade consciente já seja um passo importante. Mais ainda, Wegner cita “os  
processos causais atuais”, representados pela seta verde na primeira figura,  
que indicam que a vontade se origina de processos inconscientes e não refletem  
a percepção da consciência causando a ação. Inferimos que a consciência causa  
a ação sem saber do caminho real.  
  
O segundo ponto é a referência que Wegner faz a Hume. A inferência, acima  
citada, seria causada pela nossa percepção de causalidade. Este sim, um  
argumento filosófico no sentido de que nos “acostumamos” com a percepção de  
causalidade que acompanha os eventos no mundo. Ou seja, primeiro vemos,  
recebemos um estímulo e depois \_aparece uma consciência\_. Esses dois pontos se  
referem tanto a uma suposta ordem de precedência entre cérebro e mente, no  
tempo, como que hierarquicamente a partir da superveniência de um sobre o  
outro, etc. Dados esses que podem nos dar subsídios para as pesquisas do  
Epifenomenalismo.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
[i] Wegner DM. The mind's best trick: How we experience conscious will. Trends  
in Cognitive Science. 2003;7 :65-69. In:  
https://scholar.harvard.edu/files/dwegner/files/minds\_best\_trick.pdf  
(Fornecido pelo prof. Osvaldo Pessoa em junho/2016)   
[ii] Esse ponto é importante para estudos futuros de Epifenomenalismo.